

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Francos de porte
Anno ou 24 numeros	25000	Trimestre ou 6 numeros 8650
Semestre ou 12 numeros	13500	N.º avulso ou pago á entrega 4120
ESTRANGEIRO UNIAO GERAL DOS CORREIOS		
Anno ou 24 numeros	36000	Semestre ou 12 numeros 18000

2.º ANNO—VOLUME II—N.º 42

15 DE SETEMBRO 1879

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA—43, RUA DO LORETO, 43—LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

Correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.

EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA DO RIO DE JANEIRO EM 1879



SECÇÃO DE BELLAS-ARTES.—ULTIMOS MOMENTOS DE D. PEDRO V.—Escultura de Alberto Nunes (segundo uma photographia).

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — Reminiscencias do Salitre, R. — Viagem através da Africa Austral pelo major Serpa Pinto, ALBERTO DE CERVAES — Barão de Castello de Paiva, R. — Dr. Miguel Rodrigues Barcellos, R. — As nossas gravuras — O fabricante de caixões, BERNARDO PEREIRO — Trabalhos rurais à luz electrica, FERREIRA LAPA — Bibliographia.

GRAVURAS. — Ultimos momentos do D. Pedro V, esculptura de Alberto Nunes — Reminiscencias do Salitre, Nova Avenida da Liberdade — Barão de Castello de Paiva — Dr. Miguel Rodrigues Barcellos — Manâos — Trabalhos rurais à luz electrica — O capitão Carey — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

O primeiro sopro do outono imprimiu já um beijo de gelo nas rosas dos jardins, entretanto as rosas fazem de conta que o não sentiram e nós todos fazemos como as rosas. Nas praias de banhos *nada-se* em plena primavera, e enquanto o vendaval não desfolhar a ultima flor e a roleta a ultima bolsa, é provavel que a multidão, que a estas horas chapinha com o pé na vaga, não venha passear pelo Chiado o rosado da sua tez, ou a magreza da sua bolsa, adquiridas em dois mezes de convivência com o que a natureza tem de mais profundo e de mais absorvente — o oceano e o jogo.

O Chiado, no momento actual, é um calvario que raros se atrevem a subir, e os que se atrevem a fazel-o não deixam nunca de parar no Balthesqui, a pedir que ao menos lhe passem pelos labios uma esponja molhada em neve...

Entretanto seria descrever demasiadamente da Providencia, suppor, por um instante, que os que estão nas praias se divertem mais do que os que permanecem em Lisboa. Oh não! Podem sim os nossos irmãos *d'aquem mar*, entregar-se a maiores orgias meteorologicas e hydropaticas, respirando a tempestade a largos pulmões e refocillando-se em agua salgada mais á vontade do que aquellos que apenas dispõem das auras do Passeio e das torrentes da Companhia das aguas; é entretanto certo que, enquanto elles além escutam um piano gemebundo suspirando a Lucia ou murmurando o Fausto, sessenta dias e sessenta noites a flo, os que ficaram, como doce compensação, em contacto immediato e em relações intimas com a Europa — pelo correio, recebem dia a dia as diversões baratas que á mesma Europa sobejam do seu consumo quotidiano.

Assim, tivemos os tyrolezes um trimestre, e como os tyrolezes enrouquecessem um pouco, pelo abuso quotidiano da *aura* e d'outros nectares nacionaes, foi preciso deixal-os partir, importando em seu lugar outros artigos de recreio que ajudassem a vida attribulada da cidade até janeiro — que é quando principia d'ordinario a opera comica por que os povos mais se interessam.

— Ao theatro dos Recreios chegaram de Paris alguns apóstolos da cançoneta. São sete ou oito missionarios do *trottoir* que andam evangelisando pelo mundo a *Mami-zelle Gavroche*, a *Cascarinetto*, o *Bras de Gerôme* e outras verdades com que os povos hoje se convertem á civilização do *boulevard*.

D'esses apóstolos, cinco, sempre é bom explical-o, pertencem a esse sexo de que a França tem o segredo do fabrico — para exportação e para consumo dos estrangeiros. Não se pôde dizer *fraco*, que o d'essa raça é um sexo especial para consumo das familias e dos sentimentalistas; é um sexo d'embarque que se conserva por meio do alcool e que resiste a todas as estações e á intemperie de todos os climas, fazendo a volta do mundo, para depois socegradamente acabar na *grande Babylonia* nos nichos das porteiras ou nas lages da *Morgue*.

Quer isto dizer que o jardim dos Recreios depois de ser uma solidão amena, passou na

ultima semana a ser tambem uma pequenina Babylonia cheia d'attractivos. Desde que a empresa, em vez do silencio da noite alternado com o ruido da musica, principiou a servir estas duas coisas ornadas de *couplets* ditos pela voz do Peccado, a concorrência que era minima passou a ser maxima. Diga-se o que se disser, os povos hoje gostam immenso de se *perder* ao som da musica!

Com tanto que as serelas depois de cantar venham ceiar com elles.

— Seria descrever da força e da coragem do Passeio, suppor que os triumphos momentaneos dos Recreios, acompanhados d'uma ou outra pancada d'agua, lhe entibiariam o animo. Ao contrario, fortaleceram-n'o e deram-lhe coragem. Entre outras novidades que a estas horas vêm em caminho subscriptas a M.^{mo} Amann, figura uma estudantina d'Upsalla, provavelmente tão veridica como todas as outras que a estas horas percorrem o mundo, mas em todo o caso um *fac-simile* extremamente perfeito para nos dar idéa o que seja a celebre universidade, como corporação vocal e instrumental.

Nota-se que as universidades no tempo presente estão fornecendo muito mais elementos aos concertos do que á sciencia.

É verdade que á estudantina que se espera já o digno representante da Suecia em Lisboa negou o carimbo da sua chancellaria, os espectadores entretanto estão de tão boa fé com a empresa, que acreditam mais na palavra d'ella do que na do sr. encarregado de negocios.

— O maestro Luiz Brenner, é a primeira notabilidade que a empresa Amann importou da Alemanha para gozo dos frequentadores do Passeio Publico. Faltaríamos á justiça se não prestassemos a devida homenagem a este distinctissimo musico que nas ultimas noites se tem patenteado, ainda que ligeiramente, por meio d'algumas peças de execução difficil, ensaiadas por elle no decurso d'algumas horas. Aquelle momento phisicologico em que Lisboa se concentra toda em si, por um esforço supremo, para dar toda a sua attenção a um personagem excepcional, ainda porém não chegou, mas talvez não se demore. Espere o maestro Brenner que a cidade acabe os seus banhos. — *A' tela do debate*, digamos assim para imprimir ao assumpto a feição burocratica que elle nos ultimos tempos tem tomado, voltou a eterna questão do theatro de *D. Maria II*, conhecido tambem nas regiões officiaes pelo pseudonimo de *theatro normal*.

A questão resume-se em poucas palavras. A arte dramatica nacional, cheia de dividas, não teve outro remedio senão fazer uma concordata com os credores. Não está bem averiguado se nós, no que respeita a theatro, temos presentemente o *ideal na arte, a arte pela arte, o naturalismo* e tantas outras coisas que hoje se debatem nos torneios da critica. O quer que tenhamos em fim, está tudo hypothecado, esta é que é a verdade.

N'este trance competia aos governos — não porque os governos possam exercer na arte o influxo creador que exercem nas eleições — competia-lhes, visto a obrigação que lhes assiste de serem logicos, amparar a estatua de Gil-Vicente que pozeram no frontão d'aquelle templo erguido no Rocio, procedendo para com a sua escola pratica de declamação da mesma forma que procedem para com tantas outras; ou então abulir os subsidios por igual, dando d'arrematação tanto as estradas á *mac-adam*, como a Academia das Sciencias.

Ha pendentes no nosso paiz, uma serie de questões artisticas e moraes que não se resolvem sem se tomar a seguinte medida radical: pegar no subsidio que annualmente se dá ao theatro lyrico e mandar escripturar lá fóra um ministerio.

Em se pondo todos os semestres escriptos no poder executivo, é possivel que o paiz seja mais bem servido.

Em se fazendo isto a questão do *theatro normal* e outras muitas que ahí ha, resolvem-se logo de vez. Que esse dia de redempção para a arte e para o espirito nacional chegue quanto antes deve ser o voto de todos que os não

querem ser nem patriarchas de Lisboa nem amanuenses do tribunal de contas.

GUILHERME D'AZEVEDO.

REMINISCENCIAS DO SALITRE

As exigencias crescentes do movimento de Lisboa, suggeriram ao municipio a ideia d'abrir uma larga avenida que, partindo do Passeio Publico, e seguindo por Valle de Pereiro, se devidirá depois em varios ramos, pondo em communicação ampla e directa os pontos extremos, norte da capital, com o centro da sua actividade.

O começo da grande obra da *Avenida da Liberdade* teve logar no dia 24 d'agosto ultimo, principiando a demolição dos pardieiros que se encontravam na testa da projectada arteria, pelo velho theatro do Salitre, veterano glorioso que se manteve de pé, diga-se a verdade, embora isso lhe custasse muito, enquanto a civilização não exigiu a sua queda.

Depois é que não teve outro remedio, porque em face d'um camartello não ha pardieiro glorioso que resista!

Eshocemos em traços rapidos, no sentido de completar e justificar a gravura que aqui fica archivada como memoria da physionomia material da triste ruina, a historia d'essa velha casa d'espectaculos, tão popular e tão ligada á historia da civilização lisbonense nos ultimos tempos.

O theatro do Salitre foi de principio, por assim dizer, o centro da comedia nacional, não obstante ser de longe em longe invadido pela opera italiana. Fundou-o em 1782 o architecto Simão Caetano Nunes, a fim d'*exhibir* ao publico de Lisboa o equilibrista Tersi, que então se reputava uma maravilha do genero. Em 1787 representou-se ali uma peça de José Caetano de Figueiredo, com musica do grande maestro portuguez Marcos de Portugal. Antes d'isso, n'um dos anniversarios de D. Carlota Joaquina, já ali tinha sido tambem cantada uma composição do mesmo notavel compositor, intitulada o *Idyllo*.

Bellos tempos em que D. Carlota Joaquina ainda inspirava idyllios aos musicos e aos poetas!

Bemaventurada época em que uma ingenua se chamava Ignacio e outra Primavera, fazendo a barba de quando em quando, antes de irem ser apunhaladas em scena tanto o Ignacio como a *Primavera*!

Outra peça intitulada a *Gratidão* com musica do mesmo Marcos de Portugal, ali se cantou em 1789, por occasião do anniversario de D. Maria Benedicta.

Como se vê os empresarios do Salitre exploravam o talento de Marcos de Portugal, da mesma forma mais tarde os seus successores exploraram o de Cazimiro.

Em 1806, o theatro do Salitre chegou ao auge da prosperidade. Descobriu antecipadamente a California, n'uma peça intitulada as *Covas de Salamanca*, que deu de lucros ao empresario 25:000 cruzados, somma extremamente fabulosa n'aquella época de sobriedade e de continencia theatral.

Como os empresarios d'hoje se hão-de sentir infelizes, por não terem tomado o Salitre d'arrendamento — no começo do seculo!...

Entretanto quem sabe se as *Covas de Salamanca* evocadas dos caboucos do Salitre ainda hoje fariam fortuna!...

Ao theatro do Salitre havia ligada uma praça d'arlequins de nomeada immorredoura. N'essa praça, em tempos mais recentes, D. José Serrate precursor dos Dallots, proporcionou horas de gozo ineffavel á flor da geração que hoje ahí morre de tedio, saudosa d'aquellas lutas entre christãos e mouros, que depois d'uma dança pyrica acabavam sempre á pancada uns aos outros, morrendo como era de justiça todos os mouros, para socego da consciencia do empresario e maior gloria da religião do reino.

D. José Serrate, elle mesmo, quando era necessario dava cabo do seu moiro, como homem incomparavel que era em todas as especialidades.

Foi até o inventor d'aquella conhecida phrase — *para ser agradável ao respeitavel publico, não se poupou a fadigas nem a despesas* — tão cultivada depois pelos Prudhomens nacionaes que lhe succederam, quer na corda bamba do circo quer na da politica.

As pantomimas, as danças, as cavalhadas, as tourinhas, os touros, todas as manifestações emfim da *arte equestre e cavalheirosa*, foram cultivadas na praça do Salitre com grande esmero, acabando sempre a festa com o hymno obrigatorio das solemnidades publicas.

Em 1821 trabalhou no theatro do Salitre uma companhia franceza de declamação e dança. Um pouco depois teve este theatro dias gloriosos sob a direcção d'Emilio Doux, o creador e o organisador da escola de declamação portugueza; o fundador, por assim dizer, do nosso theatro moderno.

Depois de varias alternativas, o Salitre abriu as suas portas ao publico, em 1831, por occasião da entrada do victorioso marechal Saldanha, em Lisboa, solemnizando-se ali tal acontecimento com grandes pompas de luminarias, de versos e de peças allegoricas.

Mais tarde o Salitre modernisa-se tomando o nome de *Varietades*, e passando a cultivar a magia, genero que tinha de fazer n'um dado momento a admiração de Lisboa. A *Loteria do diabo*, a *Coroa de Carlos Magno*, a *Ave do Paraizo* e a *Pera de Satanaz*, caracterisam a ultima phase d'esplendor do Salitre. São o seu canto de cysne.

Isidoro e Antonio Pedro, duas grandes organisações artisticas do nosso theatro contemporaneo, brotam d'aquelle ambiente maravilhoso resultado da fusão dos fogos de bengala com a estopa queimada. São o prodigio maior d'aquellas *mil e uma noites das Varietades!*

Depois, o Salitre, ou antes as *Varietades*, começa a decair. A velha praça transforma-se em circo. O theatro dá ainda n'uma epoca comedias de Sardou, mas coitado! não se dava bem com os novos manjares! O resultado foi ser colhido pelo archanjo da anemia!

Quando o camartello municipal o deitou abaixo ha poucos dias, era apenas uma gloria envolta n'uma teia d'aranha!

R.

VIAGEM ATRAVÉS D'AFRICA AUSTRAL

PELO

MAJOR SERPA PINTO

O EXPLORADOR E A EXPLORAÇÃO

V

Quando Serpa Pinto se aproximava da confluencia já conhecida do Cuando com o Zambeze, depois das terriveis aventuras por que passára, começava emfim a julgar-se salvo. Diziam-lhe as informações que ainda na Europa e na costa de oeste recebera, que n'esse ponto, na povoação de Embarira, havia uma missão ingleza.

Com effeito soube perto que alli existia um branco um *monar*, que é o nome que os negros dão a todos os brancos que não viajam por commercio.

O explorador avistou emfim um homem no maior estado de penuria. Vestiam-n'o uma camisa e umas calças rotissimas que por isso o não cobriam de todo e caminhava serenamente pelo mato, descalço, mas com um par de sapatos na mão, que elle guardava solícito.

Este branco era o dr. Bradshaw naturalista inglez que viera para Embarira do Cabo pelo caminho de Kuruman seguido desde Livingstone, o que colhia aves e insectos para os museus de Inglaterra.

Foi o dr. Bradshaw quem explicou a Serpa Pinto que a missão de Embarira nunca che-

gara a estabelecer-se morrendo todos os missionarios no caminho para lá.

Em compensação, não muito longe, havia com effeito europeus.

Lechuma não fica muito longe de Embarira. Ali vivia disse o dr. Bradshaw um missionario francez.

E, no centro d'África, rodeado de negros hostis, não tendo contra os selvagens, contra os animaes ferozes, contra os obstaculos naturaes, contra as doenças terriveis do paiz, nenhum auxiliar que não fosse a sua espingarda e a sua coragem, o naturalista inglez, como se estivesse em Londres escolhendo meticulosamente as pessoas com quem desejava travar relações, bem ponderadas a nacionalidade e mais qualidades dos que podiam ser-lhe apresentados, o naturalista inglez fallou por esta fórma a Serpa Pinto:

— Vá procurar o missionario francez. Julgo que elle o receberá bem e sei que tem recursos com que o póde auxiliar. Eu nunca quiz procural-o nem fallar-lhe: Eu não sei francez, elle provavelmente não sabe inglez. Entre francezes e inglezes ha antigos preconceitos... Eu nunca o quiz procurar a elle, mas aconselho-o a que vá vel-o.

E tendo feitas farrapos as calças e a camisa, descalço, comendo da caça, e combatido pelos indigenas, o dr. Bradshaw fleumatico, indifferente, só no mundo e achando isso bom, declarou ao explorador portuguez que continuaria em Embarira a empalhar as aves raras do paiz.

Emquanto alguns dos negros de Serpa Pinto partiam para Lechuma para saber do missionario francez, ficou aquelle com o dr. Bradshaw. Os negros d'esse ponto d'África nem sempre tratavam bem os brancos, que de resto estavam habituados a ver. Um chefe já ali tinha querido matar o explorador portuguez. Mas uma noite a barraca do dr. Bradshaw foi atacada por centenas de negros. Elle e Serpa Pinto metteram-se dentro e, de pé, sobre uma mesa onde haviam collocado os cartuxos, de espingardas apontadas pelas aberturas da cubata, esperaram resolutos o combate.

As bagagens de Serpa Pinto que haviam ficado na margem do Cuando, foram entretanto tomadas pelos negros inimigos e transportadas para o outro lado do rio. O tempo ia passando...

De repente uma ideia terrivel atravessou o espirito do explorador portuguez:

— Estou perdido disse elle. Vou ficar sem os chronometros!

Com effeito aproximava-se a hora de lhes dar corda e elles estavam longe, em poder dos indigenas. Se essa hora passasse o explorador ficaria impossibilitado de fazer observações, de determinar a sua posição no continente. A hora ia talvez já longe quando... O Catraio, um dos dois pretos que haviam ficado em Embarira, mas que tinha desaparecido desde a vespera, aproximou-se da barraca do dr. Bradshaw tomando na mão a caixa dos chronometros.

Um dia, ainda no Bihé, no momento da partida, Serpa Pinto mostrara os chronometros ao Catraio e dissera-lhe:

— É necessario que todos os dias á mesma hora m'os tragas para lhes dar corda, embora eu esteja enfermo, embora eu esteja em delirio, embora eu esteja moribundo. No dia em que não cumprires esta ordem — esfolo-te.

Por isso n'essa manhã em Embarira o Catraio fôra ás malas retidas pelos selvagens, abrira-as, atara os chronometros n'um lenço e trouxera-os na bocca, atravessando o rio a nado, com risco de vida, para pontualmente os apresentar ao seu chefe branco.

(Continua)

ALBERTO DE CERVAES.

BARÃO DE CASTELLO DE PAIVA

Antonio da Costa Paiva, 1.^o barão de Castello de Paiva, por decreto de 3 e carta de 19 de abril de 1851, nasceu na cidade do Porto a 12 de outubro

de 1806, sendo filho de Manuel José da Nobreza, negociante da Praça d'esta cidade, e de D. Maria do Carmo da Costa, ambos do bispado de Lamego.

Era bacharel formado em philosophia pela Universidade de Coimbra, e doutor em medicina pela faculdade de Paris. Foi lente da Academia Polytechnica do Porto, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa; o seu nome era mais justamente conhecido fora do paiz, onde um grande numero de Academias e Institutos scientificos, o inscreviam na lista dos seus membros.

Dotado de uma decidida paixão pelas letras, e mais particularmente pelas sciencias naturaes, devo-lhe o paiz serviços importantes em ambos estes ramos.

De parceria com duas grandes illustrações da nossa terra, uma que alcançou logar eminente nas letras, outra, cuja morte prematura, apenas deu logar para lamentar o muito que se devia esperar de tão vigoroso talento, Alexandre Herculano, e Diogo Kopke, publicou o *Roteiro da viagem de Vasco da Gama em 1497* e a *Chronica d'el-rei D. Sebastião de Fr. Bernardo da Cruz*.

Publicou varias noticias em portuguez, francez e inglez de especies novas ou pouco conhecidas da fauna e flora do archipelago da Madeira e outros pontos; offereceu á Academia Real das Sciencias um importantissimo herbario madeirense, contendo 600 especies indigenas, e juntou-lhe outro com 372 especies recolhidas das ilhas Canarias.

Escreveu nos seus ultimos annos uma obra moral — *Novissimos ou ultimas fins do homem* — onde a unção religiosa, e realçada por uma linguagem do mais primoroso quilate. Não parece esta obra dos nossos dias, mas honra o auctor e a lingua.

Corroou uma vida dedicada á patria com o legado de toda a sua fortuna, que era avultada, a estabelecimentos pios e de caridade, deixando assim dos seus serviços e caracter uma memoria indelevel. Falleceu na ilha da Madeira a 4 de junho do corrente anno, venerado dos amigos da humanidade, e dos cultores das sciencias.

Quem quizer saber mais algumas noticias d'este sabio contemporaneo póde consultar o *Diccionario Bibliographico Portuguez*, e a *Retenha das familias titulares e grandes do Reino de Portugal* em via de publicação, e uma acção auto-biographia publicada pelo proprio barão.

B.

DR. MIGUEL RODRIGUES BARCELLOS

O OCCIDENTE dá hoje nas suas paginas o retrato d'um cidadão benemérito, d'um homem de sciencia illustre, d'um grande humanitario, que nas regiões d'alem mar tem muitas vezes posto o seu talento e a sua dedicação ao serviço de muitos dos nossos compatriotas, tendo por isso direito á singella homenagem que hoje lhe prestamos.

Nasceu o dr. Miguel Rodrigues Barcellos na formosa cidade de Pelotas (Rio Grande do Sul), aos 22 de junho de 1827, e é filho legitimo do fallecido commandador Boaventura Rodrigues Barcellos e de D. Silvana Rodrigues Barcellos.

Em 1837, fugindo com seus paes aos horrores da guerra civil, que havia pouco rebentara em toda a provincia, embarcou para a capital do imperio, onde continuou seus estudos, até que em 1841 se matriculou na escola-medica, recebendo o grau de doutor em 1849. Em principios de 1850 regressou á sua terra natal, onde se tem consrvado e grangeado a mais invejavel e merecida popularidade.

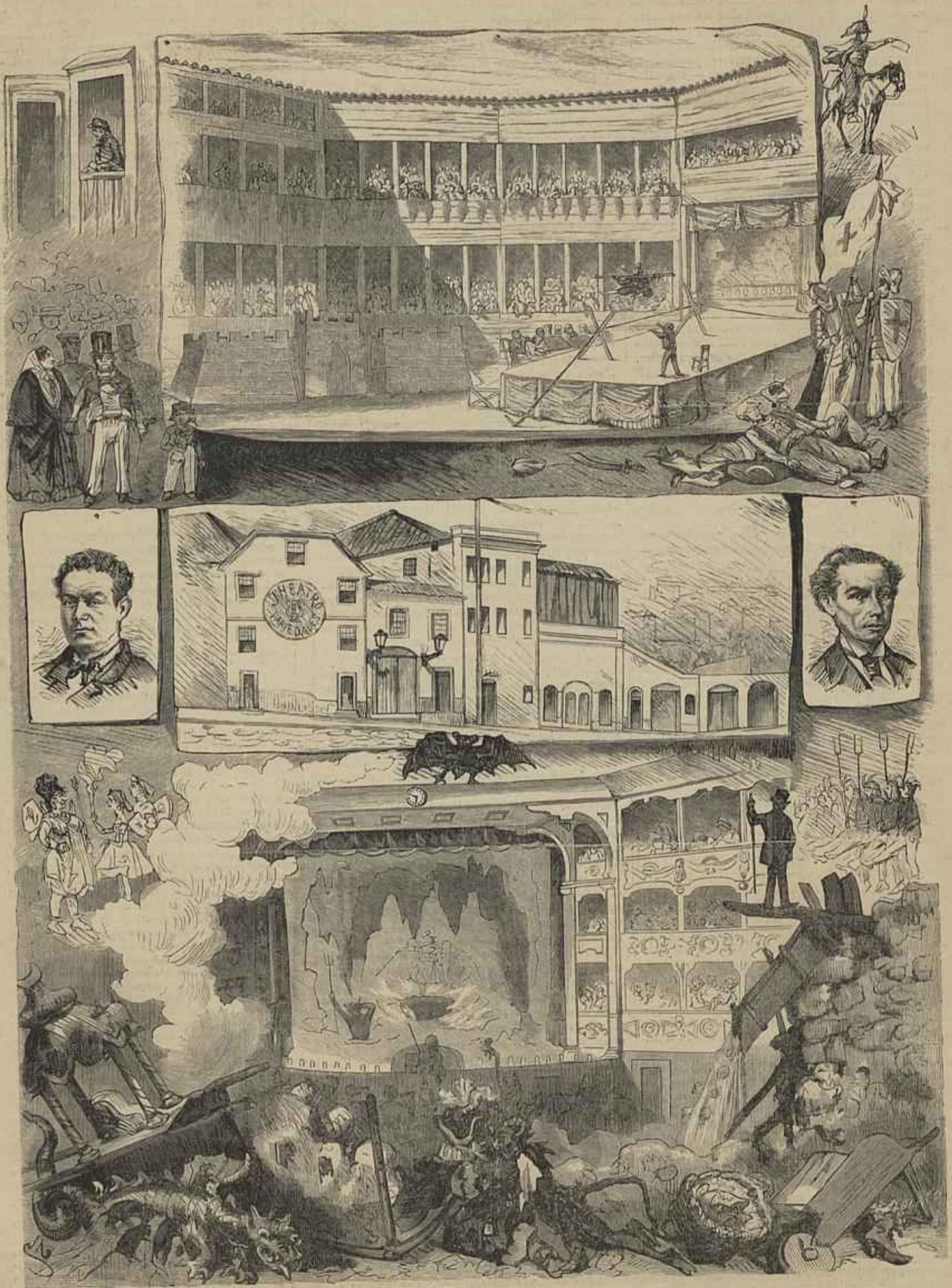
Eleito pelo povo occupou um logar distincto na assembléa provincial, na legislatura de 1856 a 1857, demonstrando quanto se empenhava pelos interesses da terra que foi seu berço.

Em 1856 foi agraciado pelo governo imperial com o habito da ordem da Rosa, pelos grandes serviços prestados por occasião do flagello do *cholera-morbus*, não querendo, porém, que alguns o julgassem interesseiro e sedento de distincções, desistiu de similhante graça.

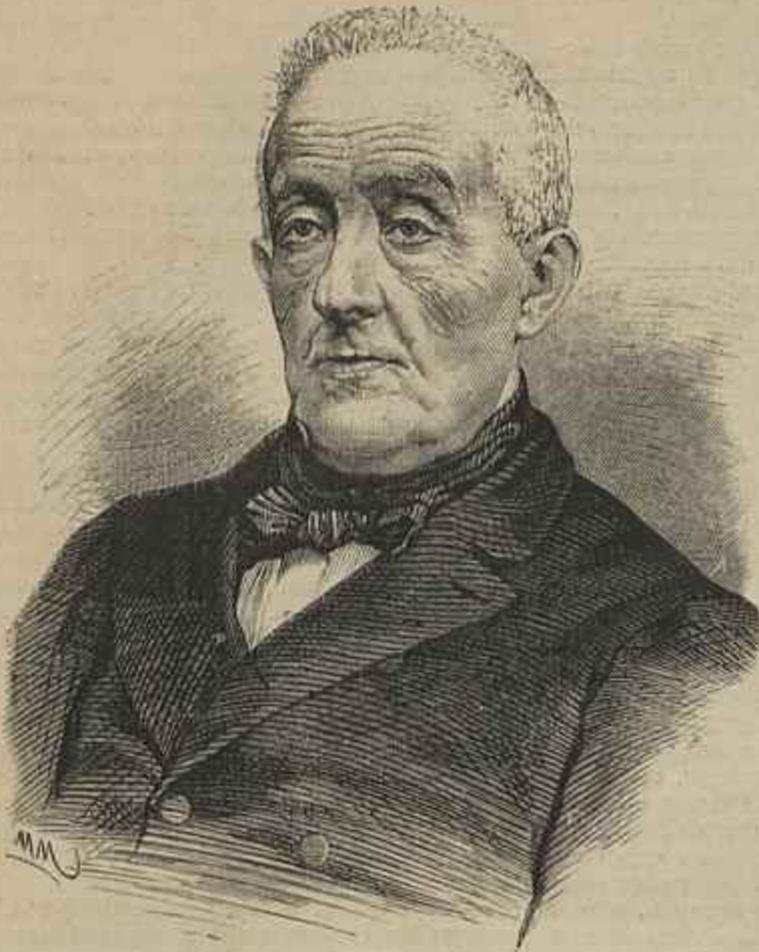
Em 1874, foi por S. M. o Imperador da Allemanha agraciado com a Cruz de Ferro; em 1855 o governo de S. M. Fidelissima distinguio-o com a commenda da ordem de Christo, e em 1877, el-rei Victor Manuel agraciou-o tambem com a grã-cruz da Corôa d'Italia. Todas estas condecorações foram concedidas a instancias das tres colonias ali residentes, allemã, portugueza e italiana, que d'esta fórma davam publico testemunho da sua immorredoura gratidão pelos serviços medicos prestados por tão digno apostolo da sciencia.

Este testemunho é de tal fórma eloquente que elle só por si supre todos os elogios que houvessemos de fazer, dando idéa do valor do homem que por tantos titulos tem direito á consideração de todos, especialmente do paiz cujos filhos tem tantas vezes soccorrido com as luzes da sciencia e com os dons da caridade.

R.



REMEMISCENCIAS DO SALITRE — NOVA AVENIDA DA LIBERDADE — (Pne M. Macedo)



BARÃO DE CASTELLO DE PAIVA — Fallecido em 4 de junho de 1879
(Segundo uma photographia de Camacho)



DR. MIGUEL RODRIGUES BARCELLOS
(Segundo uma photographia)

AS NOSSAS GRAVURAS

ULTIMOS MOMENTOS DE D. PEDRO V

Esta estatueta, devida ao talentoso esculptor portuguez Alberto Nunes, foi por elle feita em Paris, quando ali cursava a escola de bellas artes.

E' um trabalho de merecimento, extremamente cor-

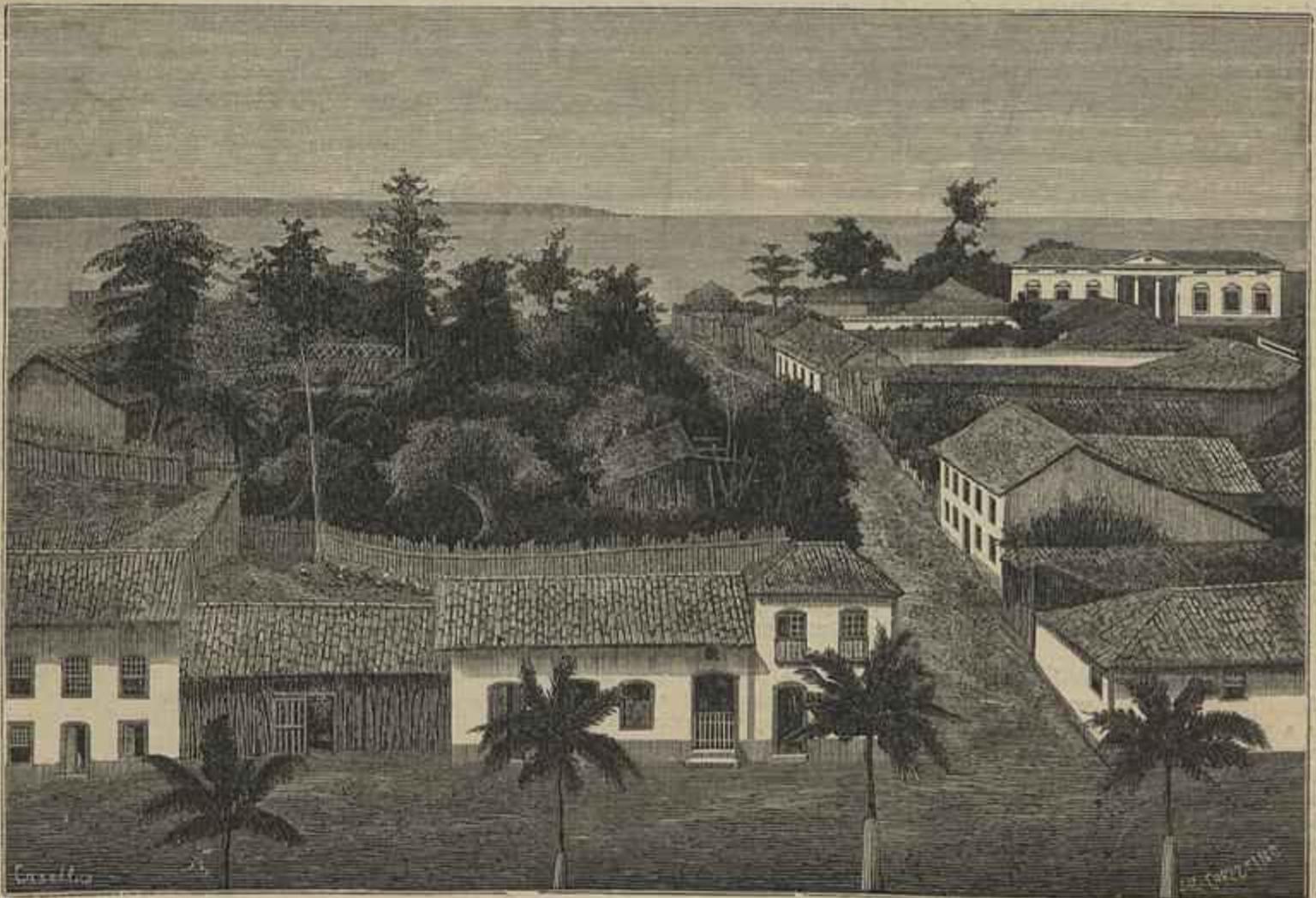
recto e sentido, denotando já a aptidão que o auctor mais tarde teria de revelar em outras obras já agora apreciadas pelo publico. Podemos talvez notar-lhe, que não seja uma representação exacta do titulo que lhe deu o auctor, entretanto, para o nosso caso pouco importa isso.

Figura actualmente esta Estatueta na exposição portugueza, no Rio de Janeiro, na sala denominada de *D. João V*, aonde com certeza não deixará de ter sido

apreciado como manifestação do que valem os nossos artistas modernos, dando-se a circumstancia de reunir ao mesmo tempo a suave recordação d'um rei que ainda vive na memoria do povo.

MANAOS

O OCCIDENTE já por vezes tem dado nas suas paginas algumas vistas d'esta região pitoresca e feracia-



BRAZIL — MANAOS

sima do alto Amazonas, tantas vezes descripta, que bem dispensa hoje que novamente insistamos sobre a opulencia da sua vegetação e sobre a originalidade do seu aspecto.

A vista da paisagem supre bem a rethorica da descripção, e é por isso que nos limitamos a apontar ao leitor, confrontando-a com outras idénticas publicadas em numeros anteriores.

Na vista que hoje damos apparece já a pittoresca povoação de Maniós, como vestigio da civilização que vae arroteando dia a dia, tanto a espessura das florestas virgens, como a aridez dos desertos. As longinquas regiões do Amazonas deixam de ser um mytho, para serem simplesmente um vastissimo campo aberto á industria e á acuidade do homem, abrido o cofre dos seus thesouros opulentissimos ás crescentes necessidades da raça humana.

O CAPITÃO CAREY

A desastrosa morte do principe Luiz Napoleão veio dar celebridade a este nome até hoje desconhecido, ligando-o a um acontecimento altamente importante na historia contemporanea.

O capitão Carey é filho d'um padre protestante, e alistou-se no exercito inglez em 1865, prestando os seus primeiros serviços na Costa d'Ouro. Mais tarde fez parte d'um corpo expedicionario enviado á America Central, merecendo os elogios dos chefes pelo seu brilhante comportamento.

Ao rebeitar a guerra Franco-Prussiana, em 1870, foi servir voluntariamente na ambulancia ingleza de socorros aos feridos, voltando á Inglaterra no fim da campanha, e entrando na escola d'Estado maior aonde obteve as primeiras distincções.

A sua marcha para a colonia do Cabo foi tambem voluntaria. Ao chegar a Natal depois de estar a ponto de perecer n'um naufragio, foi encarregado de designar os caminhos que deviam seguir as columnas d'operações e escolher os sitios mais adequados para os acampamentos. A sua conducta foi sempre brilhante.

Como é sabido o conselho de guerra constituido em Natal para esclarecer a parte da responsabilidade que ao capitão Carey podia caber no incidente de que foi victima o principe Napoleão, surpreendido n'uma descoberta pelos zulus, condemnou o capitão Carey á morte, enviando-o para Inglaterra, para que a sentença fosse revista e confirmada. Interrogado alli pelo tribunal superior, o capitão Carey conseguiu demonstrar que não commandava o destacamento que acompanhou o principe na sua desgraçada excursão, e que apenas se lhe incorporara voluntariamente para rectificar o plano. A fuga do destacamento, ao vêr-se surpreendido pelos zulus, abandonando o principe ás mãos d'estes, não podia pois ser impedida por elle, nem por este facto se lhe podia assucar a nota de cobardia.

A rainha da Inglaterra confirmou esta nova sentença e o capitão Carey foi restabelecido nas suas honras e no seu posto no exercito.

Este facto encarado pelo lado politico tem uma alta significação. Indica que a opinião publica da Inglaterra, sensibilizada um momento pelo desastoso fim do principe Napoleão, fez uma reviravolta notavel, eximindo-se dos laços da sentimentalidade em que se deixara colher. O povo ing'ez tem um profundo bom senso. Revela-se isto na opposição que em todo o paiz encontram a idéa de sepultar o malgrado principe no Pantheon dos grandes homens da Inglaterra, quando realmente o representante da dynastia Napoleonica não passava d'um aventureiro infeliz que perdeu uma partida contra a sorte...

Ja a Zuluandia procurar a corôa nos sertões africanos, e apenas encontrou a morte!

O que fazia então a Inglaterra aos heroes que amanha se criticassem a vida pela gloria e pela honra da patria?

O FABRICANTE DE CAIXÕES

A Alberto Braga

O tio José, apesar do seu modo de vida, fazer caixões para os mortos, era muito querido de toda a vizinhança. Elle tambem era o que vulgarmente se chama um bom homem. Mettido comsigo, honesto, trabalhador, vivia bem com todos e era por assim dizer o juiz de paz de todas as pequenas querellas das senhoras suas vizinhas. Morava n'uma pequena loja da rua Direita do Livramento e era conhecido pela alcunha do *Miguelista*. Ficava-lhe este nome do tempo em que ao cahir da tarde vinha para a porta da loja, com uns grandes

ares de entendido, ler o jornal a *Nação*. Esse habito porém perdera-o havia muito.

Não raras vezes lhe aconteceu ter de interromper a leitura pelo ruido que na calçada faziam as patas dos cavallos a trote dos batedores do cortejo real. Então, por um instincto de delicadeza, escondia o jornal atraz das costas e, ao principio, ficava a olhar para as *cocardez* azues e brancas dos creados de farda, para as manobras executadas pela guarda do quartel dos marinheiros depois da sentinella ter chamado ás armas, procurando assim evitar as vistas dos que iam nas carruagens. Mais tarde sentia já um certo prazer em olhar para a bondosa phisionomia da rainha, uma rainha de 16 annos! para os seus cabellos louros da cor dos de Luiza, para el-rei, um moço imberbe com a farda de almirante! E machinalmente, deslumbrado, dizia comsigo — Deus os faça felizes!

Um dia, no *landean* real, no assento de diante, ia uma formosa creança ao collo d'uma ama, era o principe real. O olhar da rainha, olhar em que se reflectia o infinito amor de mãe, encontrou-se com o do *Miguelista*. O tio José instinctivamente amarrotou, rasgou o jornal onde justamente acabava de lêr um artigo cheio de fel e peçonha, jurando aos seus deuses nunca mais tornar a ver semelhante pasquim. Firme na sua resolução, chamou a filha a quem recommendou tomasse conta da loja, e foi direito á typographia da *Nação* avisar o seu amigo, um typographo a cuja obsequiosidade devia o jornal, que nunca mais lho tornasse a mandar. O typographo, velho e casmurro, tinha a hydrophobia do miguelismo. Apesar d'amigos exaltaram-se na discussão, herraram, gritaram.

Um redactor, que no escriptorio escrevia o artigo de fundo, ouviu indignado a contenda e apoplectico entrou na typographia gritando:

— Ponham-me já na rua esse tratante, esse maçon, quando não desanço-o aqui já! Forte atrevido!

O tio José esteve vae não vae a executar-lhe nos lombos a ameaça que, por entre espuma, saiu da bocca do redactor; mas, para evitar desordens, pegou no chapéu e saiu fazendo com a mão um gesto de assentimento como quem diz — não as perdes.

A furia do redactor acabou a obra da conversão d'este honrado miguelista.

O tio José não tinha n'este mundo senão a sua querida Luiza. Filha de amores illegitimos, a mãe fugira na vespera do dia em que o casamento devia ter lugar. O pae para a ter sempre a seu lado nunca a mandou á mestra; ensinou-lhe a ler e a cosinhar. A pobre rapariga, coitada, não sabia coser, enfiava com difficuldade uma agulha, pregava desastradamente um botão n'uma camisa. Foi apesar da sua extrema fraqueza tratada pelo pae assim como um rapaz. No bairro durante muito tempo não havia ninguem que se occupasse no mesmo mister que o tio José, por isso o que elle ganhava chegava de sobra para os dois, e no canto da gaveta d'uma velha commoda telintavam, quando se abria, as economias mettidas n'um mealheiro de barro.

Os tempos porém mudaram e a freguezia foi diminuindo, foi faltando. De quando em quando, passados dias e semanas sem haver absolutamente nada que fazer, lá vinha a commenda d'um caixão miseravel. Aquelle mealheiro, aquellas economias que seriam o dote de Luiza, que o pae muitas vezes pensara ter de se partir n'um dia de muitissima alegria, no dia do casamento d'ella, teve o velho de o esmigalhar nas suas mãos tremulas de susto, cuidadosamente, em segredo, como se comettesse um furto, para que a filha não suspeitasse da miseria que os assaltava! Preoccupado, desviava a vista de Luiza com os olhos rasos d'agua e matutava a causa da sua desgraça. Não morrerá gente, pensava! Não sabia — os amigos que notavam aquella

decadencia não lhe queriam dizer — que no bairro havia nada menos de tres agencias funerarias — coisa rica!

Quando se gastou o ultimo real, o tio José foi ter com um velho medico seu antigo amigo, doutor a quem nunca ninguem conseguiu ver as cartas, e a quem não procurava senão nas crises supremas da sua vida.

— Sr. doutor, isto não corre bem.

— Ora, não ha de ser nada, deixa lá ver a lingua.

— A lingua! o que venho mostrar-lhe é o coração.

— Adeus. Adeus! e soltando uma gargalhada boçal — já sei, antes de vires aqui consultas-te alguma d'esses doutorinhos da moda, que te mettem na cabeça que estavas *leso do coração*. Forte asneira!

— Ai! sr. doutor, antes assim fosse.

E principiou a desenrolar o sudario das suas miserias, a precaria situação em que se encontrava.

— Olha meu amigo, cá por casa acontece quasi a mesma coisa. A época está para os meninos bonitos, enfim pensemos no remedio. Luiza vae como costureira para casa d'uma d'essas fufas de modistas, eu tratarei d'isso.

— Costureira! Ella não sabe nada, e n'aquella idade principiar a aprender é até uma vergonha. Se podesse ser outra coisa?

— Tens razão. Deixa vêr. Irá para a fabrica do Daupias, conheço-o, já o tratei, deve-me a vida. Vou procural-o e a rapariga entra para a fabrica.

— Seja assim, a fabrica fica-nos perto, eu sempre de vez em quando ganharei alguma coisa, e com a feria de Luiza havemos de nos arranjar.

— Bem, vae-te embora, fica descansado. E mettendo a mão no amplo bolso das calças tirou umas moedas de prata que deu ao tio José dizendo-lhe — depois m'o darás.

A phisionomia de Luiza era assentadamente expressiva. Os cabellos louros, crespos; as narinas suavemente dilatadas; os olhos azues, languidamente vellados davam-lhe um aspecto melancolico e singularmente estranho. Tinha um não sei que de ave e de loba. No corpo havia a curva desgraçosa d'um desenvolvimento atrophiado. Se não tivesse passado os primeiros annos da sua vida n'uma miseravel casa do beco do Guarda-mór, brincando na rua com a agua immunda das sargetas entupidas, com o peixe podre atirado aos montões pelas varinas, e depois, mais tarde, no Livramento quasi sempre mettida na sobre-loja baixa, escura, sem ar, sem luz, no definhamento de uma alimentação doentia, seria uma mulher forte, robusta e bella!

O trabalho da fabrica bem depressa agravou o mal que ao principio surdamente ia minando a sua existencia. Debruçada sobre o tear, o ar que respirava no inverno, um ar quente e humido das roupas molhadas e sempre impregnado de pequenas particulas d'algodão, asphixiava-a. Sentia constantemente no peito uma oppressão como se uma mão de ferro continuamente a esmagasse. Muitas vezes á hora do descanso, á hora do jantar, não ia a casa, e ficava isolada e só a olhar para os grupos alegres das companheiras que moravam distantes e a quem as mães vinham trazer em marmitas o jantar. Então pensava na solidão em que sempre vivera, sem mãe, sem irmã, sem uma amiga, sem ninguem! E revolvia-se em vagos desejos que não sabia definir, que não sabia formular. Cansada de seguir os pensamentos phantasticos que lhe tumultuavam no pequeno cerebro, cahia abatida n'uma grande prostração. O som secco da sineta da fabrica acordava-a, chamava-a á realidade da vida. Era com ancia, com phrenesi que se entregava ao trabalho.

Um sabbado, ao anoitecer, sentiu-se por tal forma incommodada, abrasada n'um tão intenso calor, que nem sequer esperou pela fe-

ria e saiu. Sabia que o pae, que todos os dias a vinha esperar, ainda não estaria no portão da fabrica. Iria só. Apesar de ser a primeira vez que tal lhe acontecia, não teve medo. Caíha uma chuva fina que a alliviava refrescando-a. Ao sahir o portão do pateo olhou para traz. O rectangulo enorme da fabrica destacava-se no escuro completamente illuminado pelos jorros de luz, que sahiam das janellas. Accudiu-lhe ao espirito a recordação d'uma noite, tinha ella seis annos, em que seu pae a levára à feira de Belem ver os ratos sabios. Um ratinho branco, vivo, intelligente, illuminava com um rôllo acceso seguro na bocca por um arco d'arame, um palacio de papellão inteiramente similhante à fabrica.

Recordações de creança, que se lhe esbatiam confusamente na memoria. Procurava ver o ratinho branco, e na sua imaginação não se representavam senão as ratazanas pardas, enormes, repugnantes que no seu quarto se escondiam nos buracos do sobrado, mettendo-se pela terra dentro. Estremecia de susto.

Em Alcantara apressou o passo ao passar pelas tavernas repletas de marujos, de operarios, de vadios, de mulheres descompostas. Ao sahir as portas um guarda insolente e malvado obrigou-a a entrar na casa da guarda para a revistar, disse-lhe uma graçola suja, que fez córa Luiza, e atrevidamente levoulhe as mãos aos seios, que ella aconchegava com um challe. O contacto bestial d'aquelle homem fez-lhe soltar um grito de desespero lancinante. Uma golfada de sangue tingiu as mãos do guarda saltador, a sua consciencia denegrida teve medo, embaraçado empurrou Luiza pela porta.

Quando chegou a casa não disse nada ao pae. Deitou-se.

No dia seguinte o tio José encontrou a filha morta. Ao entrar no quarto, uma ratazana chafurdava no sangue coalhado no chão, ao lado da cama. Pobre pae! As visinhas vieram ajudal-o, lavar, amortalhar Luiza. Com que amor, com que ternura, com que cuidado o pae fez o caixão! Tomou todas as medidas à filha, aplainou as taboas, desfez as arestas, forrou-o por dentro primeiro de panninho, depois de velludillo branco, fez-lhe uma almofada fôfa, acertou com attenção a fechadura, pregou os galões dourados n'uma cruz perfeita no abaulado da tampa, as argollas rebatendo os pregos para que a não magoassem, para que a não ferissem! Depois, sósinho, sem auxilio de ninguém, pegou na filha com um grande carinho e deitou-a no caixão, assim como uma mãe deita n'um berço um filho apenas adormecido!

Pobre pae! nunca mais voltou a fazer caixões.

BERNARDO PINHEIRO.

TRABALHOS RURAES

LUZ ELECTRICA

Assim como o acaso é na maior parte das vezes o pae das descobertas, a necessidade é tambem frequentemente a mãe das industrias. Pôde-se afirmar que a estas duas causas, a ultima principalmente, são devidos os maiores progressos da civilização, e os da agricultura vem, em primeira linha, comprovar esta affirmativa.

Com effeito, o que é que tem impellido a agricultura aos adiantamentos de que hoje se pôde legitimamente ufaná? Duas grandes necessidades sentidas mais ou menos em todos os paizes. De um lado o pedido successivamente crescente de subsistencias para a população, cada vez mais augmentada, e os das materias primarias para muitas industrias novas ou desenvolvidas; de outro lado a falta de braços e a carestia da mão de obra. Para resolver este duplo problema a agricultura procurou elevar o poder creador do solo e da planta, e o poder mechanico do homem. Augmentou as forças, já que não podia diminuir o trabalho.

Com o auxilio da chimica, principalmente, a agricultura forçou a mesma area de terra a produzir mais, e terras reputadas improductivas a entrarem em cul-

tura com vantagem e lucro. Mas é sobretudo a applicação da mechanica que, dando pela intervenção das machinas a facilidade de multiplicar o trabalho dos operarios, promoveu os melhoramentos mais notaveis das culturas, alcançando da mesma feita a conciliação difficil da harateza do trabalho com o augmento dos salarios, e com um grande allivio na fadiga dos trabalhadores.

Basta considerar comparativamente qualquer genero de trabalho agricola feito a braço de homem, e feito pelo emprego de uma machina, para todos se convencerem d'esta verdade.

O arado virgiliano, puxado por duas mulas magrissimas, ás vezes por um jumento lazeirente, como se vê ainda em algumas povoações miseraveis da Hespanha, da Italia e tambem da nosso Portugal, mal consegue em dez horas de trabalho, remechar 150 metros cubicos de terra; ao passo que, com uma charrua aperfeçoada de Howard, de Brabant, ou de Grignon, se revolvem 600 a 700 metros cubicos de terra, e com a charrua a vapor 15.000 metros cubicos, ou 10 hectares, a profundidade de 0^m.15.

Com uma boa machina de ceifar faz-se o trabalho de dez a vinte ceifeiros, economisando na despeza quasi o dobro do salario. E com a machina de debulhar e de fazer a palha apropria-se em dez horas o trigo que, na eira, 50 malhadores, ou um cordão de dez bestas, não fariam em igual tempo de serviço.

Ha trabalhos ruraes que hoje se executam com toda a perspectiva de um verdadeiro prodigio. Em algumas horas, pôde-se á noite servir á mesa o pão que estava ainda de manhã na seara. Em alguns dias pôde-se improvisar um jardim, um horto, e até uma avenida ou um parque de arvoredo. Isto são factos presenciados mais de uma vez, e de que na exposição de Paris se viram brilhantes exemplificações.

Na America do Norte não trabalha hoje menos de um milhão de machinas de ceifar e de ganhar. Calcula-se que cada ceifeira economisa tres jornaes; que taxado o jornal a 8 francos (1\$440 reis), produzem a economia de 24.000.000 francos por dia, ou reis 4.320.000\$000, o que faz por anno, em relação a sessenta dias de trabalho 1.440.000.000 francos, ou 259.200.000\$000 reis!

E por estes e outros auxilios da mechanica, e não pela original productividade do solo, que a America pôde produzir já mais de 600 milhões de hectolitros de cereaes e entre estes 150.000.000 hectolitros de trigo, grande parte do qual vem supprir a deficiência das colheitas da velha Europa.

E pelo aperfeçoamento do material agricola, e pela quantidade das forças vivas substituidas pelas forças physicas, que melhor se pode julgar do adiantamento da agricultura de qualquer paiz. A America do Norte, a Inglaterra, e ainda a França, são os paizes que, sob aquelle ponto de vista, maiores progressos têm feito n'estes ultimos tempos.

A Inglaterra tem dado, mais que outro paiz, á lavoura a vapor uma extensão que em poucos annos se tornará um serviço vulgarissimo. Não trabalham hoje ali menos de dois mil aparelhos.

A França tem em poucos annos procurado appropiar-se d'aquelles dois paizes. As machinas de ceifar, de debulhar, e ainda a lavoura a vapor, multiplicam-se a olhos vistos. Contavam-se em 1862, 8.000 machinas de ceifar; hoje este numero é, pelo menos o dobro.

Em 1874 a agricultura e as industrias annexas empregavam uma força de vapor de 90.500 cavallos. A debulha do trigo entra n'esta avaliação por 15.500 cavallos.

Se ás forças mechanicas deve a America do Norte o prodigioso desenvolvimento da sua cultura, que ainda assim não occupa mais que uma decima parte dos seus terrenos cultivaveis, a Inglaterra funda no mesmo tempo no emprego das machinas e no dos adubos o seu progresso agricola. Ali terrenos virgens, não esgoados, deixam sentir menos a falta de adubos, ao passo que a necessidade da mão de obra se torna duplicadamente mais forte pela extensão da cultura e pela falta relativa de pessoal operario. Aqui a agricultura tem de arcar com duas faltas quasi iguaes, a da força creadora do solo e a da força operaria para os serviços ruraes. Por isso enquanto a mechanica é tributada á invenção de todas as machinas imaginaveis, a obtenção dos adubos sobreleva-lhe ainda em empenho, não se recuando diante do emprego de enormes sommas para attrahir ao solo britannico as materias fertilisantes de todas as partes do mundo.

Ninguém pôe em duvida a aptidão forraginosa do solo inglez, nem a perfeição dos seus trabalhos agricolas, a começar pela lavoura, e a acabar na ultima das industrias ruraes, nem os seus grandes melhoramentos dos terrenos pela drenagem, pelas margações e outros correctivos, nem a sua bella e numerosa produção de gados, nem as suas optimas colheitas cerealiferas que lhes produzem medias de 30 hectolitros por hectare, nem a sua economia e aproveitamento de estrumes e das materias fertilisantes, a começar pelo aproveitamento dos dejectos das cidades, até á utilização dos residuos industriaes. Pois no meio de

tudo este estado de florescimento, de resultados e de providencia de meios, a Inglaterra é incansavel em obter para o terreno da sua agricultura novos elementos de fertilização.

A sua marinha percorre todos os cantos do globo em busca d'essa materia primeira multiforme que accende o trabalho creador da terra productiva. E ella que recebe a maior parte dos guanios da America e da Africa. As ossadas da Prata, os salitres do Chili e do Peru, os phosphatos da Noruega, da Hespanha e do Gers, os saes alcalinos de Stassfurt, os bagaços das sementes oleoginosas, os residuos de muitas fabricas estrangeiras. Espanta, em verdade, a somma de numerario que annualmente são da Inglaterra na importação de materias fertilisantes. Em 1865 esta importação era de 311.000.000 de kilogrammas no valor de 13.000.000\$000 reis. Em 1872 passava a ser de 375.000.000 kilogrammas no valor de perto de reis 15.000.000\$000. Actualments deve sem duvida ter ainda subido este commercio de adubos, não obstante a multiplicidade das industrias de adubos creadas dentro da Inglaterra n'estes ultimos tempos.

É certo que d'esta enormissima massa de materias fertilisantes uma grande parte é reexportada, depois de ter sido transformada em adubos melhores. Mas a massa que fica no paiz é ainda avultada. Calcula-se que o valor dos adubos artificiaes empregados annualmente na cultura inglesa, não desce de 27.000.000\$000 reis, o que faria para cada hectare de terreno lavrado a media de 13\$500 reis.

Ajunte-se a isto os estrumes dos seus gados, e far-se-ha uma idéa aproximada de que força de nutrição é assistido o solo aravel da Inglaterra. Por isso não admira que na produção do leite a Inglaterra obtenha uma media de 30 a 33 hectolitros, que n'outros paizes se considera uma maxima excepcional, e um peso vivo de gado feito no menor tempo possivel e dando ao talho o maximo peso de carne, e em leite o maximo numero de litros.

Assim, enquanto na França, que todavia é um paiz adiantado nas cousas da economia rural, a media da produção do leite é 500 litros por cabeça e por anno, na Inglaterra é o dobro; 4.000.000 de cahças de gado grosso dão em França 400.000.000 de kilogrammas de carne; metade d'aquelle gado, isto é, 2.000.000 produzem em Inglaterra 500.000.000 de kilogrammas de carne.

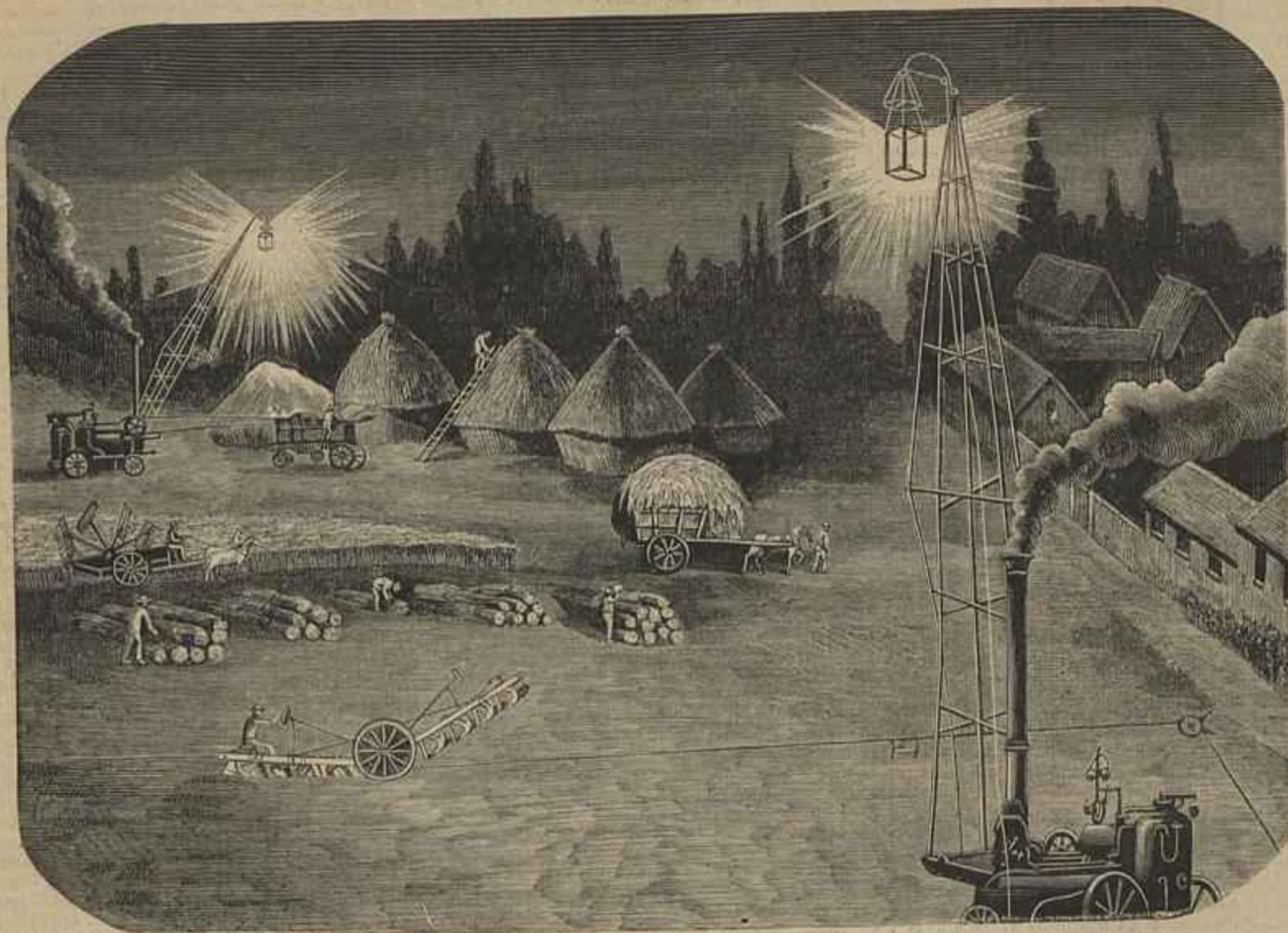
Estes factos da economia rural da Inglaterra e da America são um grande ensinamento que todos os paizes procuram seguir mais ou menos, de longe ou de perto, desenvolvendo cada vez mais o emprego dos adubos artificiaes e das machinas.

A melhor utilização das forças naturaes nos trabalhos agricolas vem reforçar os adubos e as machinas na grande transformação da vida rural que se está verificando mais ou menos nos paizes adiantados. O vento, essa força gratuita, mas indomavel e caprichosa, tornou-se agora pelos esforços dos americanos do norte arrematadamente regulado, de que se viam na exposição de Paris ao longo do Sena alguns modelos, esta força é agora applicada com segurança e uniformidade a muitos trabalhos ruraes, sendo um dos principaes a elevação das aguas aos mais altos niveis, d'onde pelo seu pé podem ir irrigar largas extensões de campo.

Faltava um meio de transportar a acção dos motores dos pontos em que são inuteis ou menos proveitosos para outros onde podem ser melhor aproveitados. Esta immensa correia sem fim, a electricidade se encarregou de a deparar. Pela invenção dos srs. Chrétien e Felix, qualquer força, a do vapor, assim como a do vento, e a da agua corrente pôde agora ser levada a alguns kilometros de distancia. Imagine-se os billões de cavallos-dinamicos que só a agua corrente pôde por este meio proporcionar á agricultura, e ás industrias, força infinita perdida quasi por toda a parte.

Emfim era preciso fazer da noite dia, para multiplicar o tempo utili, e fugir ás intensas calmas do estio, durante as quaes occorrem de necessidade os serviços mais fatigantes nos campos. A electricidade veio ainda acudir a esta necessidade, renovando por outra forma o prodigio biblico, não fazendo parar o sol, mas substituindo-o de algum modo por outro sol sem calor. Queremos falar do emprego da luz electrica, com ajuda da qual os trabalhos das ceifas, das debulhas e das lavouras a vapor e outros mais, se podem fazer de noite com a mesma facilidade que em pleno dia. Os ensaios d'estes trabalhos nocturnos feitos em Mormant e em Petit-Bourg durante o periodo da Exposição nada deixaram a desejar.

A estampa que apresentamos n'este numero ao por si dá uma perfeita idéa d'esta innovação devida ao constructor francez mr. Albarét. Para ser posta em pratica precisa de um aparelho especial composto de uma machina magnetoelectrica, geralmente do systema de Gramme e de um supporte que sustenta o regulador e a lanterna. Este aparelho é armado na frente de qualquer locomovel, que ao mesmo tempo que faz trabalhar o aparelho da luz electrica, executa o trabalho rural a que é destinado. A machina electrica de Gramme recebe o movimento de rotação da arvore



TRABALHOS RURAES À LUZ ELECTRICA

da locomovel por meio de uma correia sem fim. É collocada adiante ou por baixo da caixa do fumo. Contra a chaminé da machina é atracado o mastro ou supporto da lanterna formado de tubos de ferro encaçados uns nos outros, e escorados por travessas e guias articuladas. Este apparatus apoiado sobre um eixo horizontal tem movimento de semi-rotação communicado por um sarilho, e por meio do qual se pôde abaixar para ser armado e desarmado, e depois levantar-se a altura mais conveniente à illumination do campo.

A lanterna pende da extremidade do mastro por uma corda que passa em uma roldana, e com ajuda da qual se pôde apertar, ou elovar, sem necessidade de abaixar o mastro. A lanterna é apoiada todas as vezes que é necessario ajustar os reguladores, ou substituir os carvões. A figura representa os tres trabalhos, lavoura a vapor, ceifa e debulha machanica, feitos a claridade da luz electrica.

FERREIRA LAPA.

BIBLIOGRAPHIA

HISTORIA E SENTIMENTALISMO. D. Antonio prior do Crato — Eusebio Macario, por Camillo Castello Branco.

— Recebemos este elegante volume, a que nos lançamos avidamente com o affôgo da curiosidade. Contém a primeira parte nos trechos historicos de muita valia, pois que o eminente escriptor não se prende a copiar dos livros impressos o que a pouco suseda critica dos nossos antigos historiadores compendiarão ou romancearão. Revolve os manuscritos, que afugentam os que folgam de vencer trabalho com pouca diligencia, e d'elles tem desentranhado muita nota preciosa, muito ensinamento proficuo, diluido por uma critica sempre sagaz, e quasi sempre segura. No bosquejo de biographias dos parceiros de D. Antonio Prior do Crato, abundam os factos, as dilucidações, as apreciações elevadas, cruaes um pouco ás vezes, e lardeadas d'aquelles tons levemente sarcasticos que tão galantemente devolve a sua penna. Duarte de Castro, Manuel da Silva, conde de Torres Vedras, e D. Francisco de Portugal, são os tres personagens que o sr. Camillo retrata, embora incidentalmente desliza por alguns outros. Parece-nos que o desejo de reabilitar a memoria do conde de Torres Vedras lhe velou um tanto os seus grandes defeitos e erros, ao passo que o levou a exagerar um pouco os do conde de Vimioso, cuja figura cavalleirosa, nos parece por demais apoucada.

Na lenda do Machim, reflexões á vida do infante D. Henrique de Major, combate o sr. Camillo, o romance, que não devia ter sido mencionado na grande obra do escriptor inglez, apesar dos motivos que para isso invoca. Os srs. Pinheiro Chagas e Rodrigues d'Azevedo haviam já tocado o ponto, o segundo com melhor força de argumentos, mas ainda assim o problema ficou insolúvel por enquanto, sendo porém muito possível que, quando menos se julgue, se ache a origem do nome de Machico, que apesar da muita consideração pelo illustre romancista, não podemos aceitar como a elle entende. Major tem sido um tanto pertinax em manter as suas opiniões. Com relação a posição da Villa do Infante, sustentou contra Varnhagen, uma polemica, quanto a nós muito lystemavel, não só em vista do documento e razões que o illustre brasileiro apresentou, mas em vista de outros documentos que reforçam a sua justissima opinião. Nesta questão de Machico, voltou a quebrar lanças pela lenda de Machim, não obstante desde o principio dos descobrimentos se chamar aquelle sitio Machico e não Machim, como succederia se do supposto inglez se derivasse o nome.

Aproveitando o ensejo diremos que na parte a que o sr. Camillo se refere está a traducção da obra de Major, regular, mas pontos ha onde transtorna o sentido do original, fazendo commetter erros a Major, que elle não disse, e outras vezes omitta coisas que lá estão: por tanto é sempre mais seguro ver o original, cujos descuidos ou equívocos poderam ter sido ressalvados n'uma traducção mais cuidadosamente trabalhada.

Sabemos que alguém prepara umas annotações á obra de Major, elucidando a Vida do Infante, e factos relativos com uma grande quantidade de documentos, a maior parte inéditos, e esperamos que muitos pontos controvertidos sejam então deslindados.

Da segunda parte do livro do sr. Camillo — Eusebio Macario — romance segundo os novos processos da escola realista, e com todos os — ties — do seu estylo, ou antes critica as demasias d'ella e d'elle, já na chronica do nosso ultimo numero disse o seu redactor o bastante, que seria pleonasmio repetir aqui. Mas fica-nos o dever de agradecermos o valioso regalo.

ENIGMA



PYTHIAS

Explicação do enigma do n.º antecedente:

Raposa que muito tarda, caça aguarria.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRERES TYP. LISBOA
6, Rua do Thezouro Velho, 6



O CAPITÃO CAREY

Proclamado em consequencia da morte do principe Napoleão e abolido em 23 de agosto de 1879